



---

ÁREA TEMÁTICA: Migrações, Etnicidade e Racismo

---

Esporte e pós-colonialismos: transferências internacionais de jogadores de futebol brasileiros

---

RUGGI, Lennita

Mestranda em Sociologia

Universidade de Coimbra

[lennitaruggi@hotmail.com](mailto:lennitaruggi@hotmail.com)

---

CARNIEL, Fagner

Mestre em Sociologia

Universidade Federal do Paraná

[fagner\\_carniel@hotmail.com](mailto:fagner_carniel@hotmail.com)

---

VALENTE, Flávia

Especialista em Educação Especial

Universidade Federal do Paraná

[flaviatl@ig.com.br](mailto:flaviatl@ig.com.br)

---

### Resumo

Em 2006, 851 jogadores de futebol saíram do Brasil para atuar no exterior. Tal número denota um processo que tem se intensificado desde a década de 90, quando passaram a vigorar as novas leis sobre passes e transações internacionais. Neste cenário, uma “certa Europa” tem sido construída como a Meca do futebol mundial, concentrando os clubes mais ricos e célebres. O processo recíproco de constituição da brasilidade e do futebol contemporâneo, as políticas nacionalistas e de visibilidade são decisivas para a compreensão da dinâmica internacional das transferências de jogadores de futebol.

Palavras-chave: futebol, transações internacionais, pós-colonialismos





## Esporte e pós-colonialismos:

### transferências internacionais de jogadores de futebol brasileiros

Em 1956, dois anos antes da seleção brasileira se sagrar campeão mundial pela primeira vez, ao comentar sobre um jogo amistoso realizado no Maracanã, Nelson Rodrigues<sup>1</sup> afirmava: “Para mim, que me considero um objetivo, um isento, um imparcial, a batalha de ontem, contra os tchecos, demonstrou, precisamente, que nós somos os melhores do mundo, em futebol” (2007: 119). Convém salientar esta vírgula, algo irônica, que separa “melhores do mundo” de “em futebol”. O time brasileiro perdeu o jogo por um gol. Para Rodrigues, isso não prova nada: “Com a nossa estreita e alvar objetividade, temos a mania do resultado. Tudo para nós é o resultado. Os tchecos marcaram um gol e os brasileiros zero, logo os tchecos são melhores. Mas semelhante raciocínio é de uma inenarrável estupidez” (2007: 119). Descrevendo os lances do jogo e reivindicando, na esteira dos cronistas europeus, a importância do time tcheco (que acabara de vencer a consagrada seleção húngara com Puskas), o autor conclui que “embora derrotados, jogamos mais do que os melhores do mundo. Portanto, somos os tais” (2007: 120).

Rodrigues transformou a afirmação da superioridade dos jogadores brasileiros em uma profissão de fé e criticava abertamente os cronistas que não a compartilhassem. A objetividade de Rodrigues tem como pressuposto a “maestria” brasileira no futebol. A representação do jogador de futebol brasileiro como “melhor do mundo” denota, a um só tempo, uma reivindicação de identidade compartilhada (*nós* “somos os tais”) e uma imagem a ser difundida para os outros, não-brasileiros. Uma marchinha de carnaval de 1958, cantada por Angelita Martinez e composta por Wilson Batista e Nóbrega de Macedo, é transparente nesta dupla-conotação dos “craques” nacionais: “Mané Garrincha, Mané Garrincha / Até hoje meu peito se expande / Mané que brilhou lá na Suécia / Mané que nasceu em Pau Grande // Não é só café / Que nós temos para vender / Dribla, dribla, Mané / Para o mundo inteiro ver” (Batista e Macedo, 1958 apud Castro, 1995: 195). A composição remete à afirmação do futebol tanto como esfera de emoção compartilhada (“até hoje meu peito se expande”) quanto de performance brasileira no contexto internacional: além de café, Garrincha “para o mundo inteiro ver”.

O fato “do Brasil” (ou antes, de um selecionado de jogadores nacionais) ter sido o time vitorioso em cinco das dezoito Copas do Mundo da Fifa realizadas até o presente, contribui sobremaneira para a construção da imagem do “país do futebol”. Realizando uma investigação dos discursos sobre o estilo de jogo nacional, Hugo Lovisoló e Antônio Jorge Soares afirmam que “a narrativa sobre a cultura ou o tipo de civilização a ser construída confundia-se com as narrativas sobre o que é e o que deve ser o futebol, o Brasil e os brasileiros” (Lovisoló e Soares, 2003: 134). Segundo estes autores, a metáfora do futebol para a idealização do país constituía-se a partir: “a) do mundo civilizado europeu, que deveria modelar a jovem nação; b) da cultura singular que aqui havia se instalado e se estava construindo, como corresponde a uma nação original” (Lovisoló e Soares, 2003: 134). Tornar o Brasil “o país do futebol” foi, e continua sendo, um projeto nacional comparável ao de modernização através da industrialização – e imensamente mais bem sucedido. Neste sentido, nenhum outro autor tem um papel comparável ao de Nelson Rodrigues, tanto em sua insistente doutrinação sobre a superioridade brasileira no futebol quanto no valor literário de sua obra como cronista.

Fábio Franzini, em sua pesquisa histórica sobre a expansão do futebol no Brasil durante o começo do século XX, argumenta que “o ‘país do futebol’ forma-se muito antes do que se imagina. Muito antes, por exemplo, de 1958 e 1962, quando o triunfo em duas Copas seguidas consagra definitivamente o nome do Brasil no vasto mundo do futebol” (2003: 12). Como aponta Gisella de Araújo Moura, “corria o ano de 1919 quando conquistamos o nosso primeiro título internacional”, no III Campeonato Sul Americano, cuja final realizou-se no Rio de Janeiro (1998: 18). Para Franzini, a invenção das tradições do futebol brasileiro data



das décadas de 1920 e 1930 e há uma diversidade de tensões implícitas na construção do “país do futebol” – especialmente relacionadas à origem social e ao preconceito racial. A disputa travada e perdida pela Confederação Brasileira de Desportos (CBD) em defesa de “valores elitistas” – que proibiam o pagamento de salários e bonificações, perpetuando exclusões de classe e raça dentro de campo – demonstra que a gradativa conquista de espaço pelos jogadores de origem popular não foi desprovida de episódios violentos e racistas. Este processo de inclusão, que serve de base à representação do futebol como “unificador” nacional, é provavelmente uma das mais poderosas narrativas de igualdade social existentes no Brasil contemporâneo.

A Copa do Mundo de 1950, segundo Gisella Moura, é um evento encarado como momento de afirmação do Brasil empreendedor, vitorioso e bem sucedido – e a construção do Estádio do Maracanã reveste-se de um significado especial. Apesar da muito debatida derrota no jogo final com o Uruguai, para Moura, “nossos rapazes jogavam um futebol-arte, bailavam, sambavam com a bola nos pés e encantavam o mundo com suas maravilhosas exibições” (Moura, 1998: 12). Elemento unificador da nação, o futebol, neste sentido, contribuiu para a hegemonia do Rio de Janeiro como capital político-social e vitrine-exterior, bem como para a difusão da “torcida carioca como espelho do povo brasileiro” (Ferreira, 1998 apud Moura 1998: orelha de apresentação).

Tais abordagens são reveladoras da densidade sócio-cultural que envolve e conforma o futebol no país. Multifacetado e heterogêneo, ele foi (e é) mobilizado por uma ampla gama de perspectivas e posições políticas, divergentes ou não. Mas há um importante ponto de convergência, que perpassa a maior parte das interpretações sobre o futebol brasileiro, inclusive as análises de Franzini e Moura. Trata-se da continuidade do que poderia ser denominado como “ordem de discurso” rodriguesiana, na qual está implícita a existência de uma identidade dos futebolistas nacionais, compartilhada por todos os brasileiros – representação que se insinua também em trabalhos acadêmicos (ambos discursos são o resultado de pesquisas de mestrado nas ciências humanas). Franzini menciona, por exemplo, “o brilho de *nossos* craques” e a “paixão incondicional que [*nós*] dedicamos à bola”, enquanto Moura denomina os atletas de “*nossos* rapazes” e se refere ao “*nosso* primeiro título internacional”. As colocações de pronomes possessivos que acompanham, quase que obrigatoriamente, as alusões feitas por brasileiros aos jogadores brasileiros são característica importante para vislumbrar não apenas os motivos porque tantos meninos e jovens homens almejam a carreira de futebolista, mas também a repercussão que o aumento das transferências internacionais suscita – para atletas, clubes e torcedores.

A mitologia verde-amarela (numa alusão às cores nacionais) é um importante componente promotor do crescimento das transações de jogadores nacionais para os mais diversos países do mundo. Sob o título de “Porque a Europa não produz Robinhos?”, Ferreira expõe uma série de especificidades do contexto nacional que pretendem explicar – ultrapassando a fábula do “dom” inato – a constituição do país como formador de “Robinhos”. A lista de fatores explicativos elencada pelo autor inclui nove itens de comparação entre “o” Brasil e “a” Europa, construídos como espaços homogêneos, cujas diferenças incluem características geográficas, sociais, econômicas e genéticas. Sobre o clima, por exemplo, ele afirma que “a Europa sofre com inversos rigorosos boa parte do ano. O Brasil, por ser um país tropical, possui a companhia do sol a maior parte do tempo” (2005: s/p). De acordo com Ferreira, isto acarretaria no fato do “europeu, durante o período de frio, fica[r] mais em casa ou em lugares fechados”, estando o brasileiro, em contrapartida, mais propenso a praticar jogos com bola em espaços abertos. No tocante ao fator financeiro, a disparidade de rendimento salarial entre trabalhadores das duas regiões é motivo para justificar que o futebol seja atividade de entretenimento mais acentuada entre os brasileiros: “Enquanto um operário europeu presenteia seus filhos com vídeo-games, computadores e outros brinquedos eletrônicos, o empregado brasileiro só consegue juntar alguns trocados para presentear seus filhos com... uma bola! Assim, fica constatado que o contato com a bola, é muito maior pelas bandas de cá” (2005: s/p).

Segundo Ferreira, “nós, simples brasileiros, terceiro-mundistas”, também temos a miscigenação como característica propiciadora de superioridade no futebol. Seguindo a mitologia das “três raças”, ele



afirma que “através desta combinação genética, formamos atletas com as qualidades específicas para o futebol”. As heranças recebidas pelos jogadores seriam: “Do índio a habilidade, pois para sobreviver nas matas o nativo precisava de agilidade e velocidade, qualidades necessárias para caçar, pescar, fugir ou apanhar presas. [E d]o negro, tão injustiçado no período da escravidão, recebemos sua estrutura muscular, forte para suportar o trabalho pesado nas plantações e nos engenhos” (2005: s/p). Convém salientar que Ferreira não menciona qualquer característica específica dos brancos. Seu texto é elaborado nos seguintes termos: “Somos o fruto de uma miscigenação de três grupos étnicos, a saber: o branco, o índio e o negro. Herdamos das duas últimas a habilidade e a força”. Em sua pretensa negação do racismo, o autor reproduz imagens que localizam na genética a “força” dos negros e a “habilidade” dos índios, que, tacitamente, contrastam com a “inteligência” dos brancos.

A estratégia de argumentação de Ferreira (e mesmo a pergunta que suscita seu artigo) se baseia no contraste entre a Europa e o Brasil, cuja legitimidade reside na problemática das transferências internacionais. Neste sentido, afirma: “Fomos agraciados com a arte de Robinho, camisa 7 do Santos Futebol Clube (...) e da Seleção Brasileira, por pouco, pouquíssimo tempo. Quatro ou cinco anos nos foi permitido vê-lo atuando pelos gramados brasileiros. Agora, Robinho foi-se para a Europa, irá brilhar, encantar e levar suas pedaladas e outras brincadeiras com a bola para o Velho Continente” (2005: s/p). Em 2005, ano de publicação do artigo, o jogador foi transferido para o Real Madrid. Na interpretação de Ferreira, isto não constitui um problema em si: “Não nos importamos de ver nossos meninos brilhando na Europa, mas queremos que nossos Robinhos também leiam mais, tenham outras oportunidades de crescer na vida e que continuem pedalando em busca de seus sonhos” (2005: s/p). As condicionantes estabelecidas por ele como promotoras do talento futebolístico brasileiro não estão desvinculadas das condicionantes promotoras de transferências internacionais. Isto é transparente em sua proposição final: “Como conclusão, foi constatado que através dos fatores expostos, o Brasil ainda vai continuar exportando craques de futebol por um longo tempo” (2005: s/p). Com efeito, como fica claro na metáfora dos “Robinhos”, atuar nos grandes clubes da Europa passou a ser uma das características definidoras da identidade dos jogadores brasileiros – tanto quanto a reivindicação da tradicional superioridade congênita verde-amarela.

A própria questão “Porque a Europa não produz Robinhos?” está fundamentada na proposição (falaciosa) de que não há jogadores europeus talentosos. Neste sentido, o discurso de Ferreira revela uma arbitrariedade tipicamente rodriguesiana, que ignora jogadores formados na Europa e internacionalmente reconhecidos, como Zidane, Figo ou Thierry Henry. Não importa quão famoso ele seja em outros países do mundo, Beckham dificilmente seria contratado para figurar em uma campanha publicitária no Brasil. Neste sentido, o livro de John Carlin, que em sua publicação inglesa trazia na capa uma foto de Beckham, teve o título *White Angels: Beckham, the Real Madrid and the New Football* alterado para a edição brasileira, cuja capa destaca não o jogador inglês, mas a foto do jogador Robinho. A política editorial nacionalmente diferenciada evidencia que uma dinâmica semelhante à reivindicação da brasilidade através do futebol se estabelece em outros países. *Los Ángeles Blancos: el Real Madrid y el nuevo fútbol* apresenta, entre fotos de futebolistas, retratos da torcida, espanhola ou não, mobilizada pela agremiação – e igualmente exclui o destaque a Beckham.

Se a combinação verde-amarela compõe uma representação bem sucedida, inclusive por ter sido apropriada e reforçada por corporações capitalistas multinacionais interessadas em vincular sua imagem à da seleção brasileira, ela nem por isso é única. Pablo Alabarces, por exemplo, demonstra em *Fútbol y patria* como este esporte foi ativado enquanto componente da nação argentina. De modo algo semelhante ao contexto brasileiro, “o futebol [na Argentina] funcionou ao longo do século XX como um forte *operador de nacionalidade*, como construtor de narrativas nacionalistas fecundas e eficazes” (Alabarces, 2002: 20, *itálicos no original, tradução livre*). Neste sentido, o futebol serve também aos interesses midiáticos, que não inventam, mas respondem ao desejo de constituição de uma comunidade compartilhada: “Assim, [o futebol] se transforma na melhor mercadoria da indústria cultural” (2002: 208).



Alabarces identifica uma espécie de “futebolização” da cultura, com a gramática futebolística estendendo-se à política, à estética, ao cotidiano. Em sua interpretação o futebol é mediador: um “lugar em torno do qual se constituem identidades e imaginários, como uma arena dramática quase sem equivalentes, como espaço ritual de massas por excelência na Argentina do presente – e em boa parte do mundo contemporâneo, e inclusive de uma pretensa sociedade global” (2002: 10-11, tradução livre). Seguindo a abordagem de Alabarces, e apesar da impossibilidade de investigar detidamente outros contextos nacionais, parece acertado afirmar que o Brasil não é o único país cujo orgulho cívico percorre os campos de futebol – reconhecendo nos jogadores representantes da pátria.

Óbvio como pareça, esta ressalva auxilia na compreensão da formação da imagem da “Europa” como Meca do futebol, posto que os clubes participantes da “Liga dos Campeões” congregam não apenas jogadores de diversas nacionalidades, mas a carga simbólica neles investida. Nos termos de Carlin: “O futebol é jogado em todos os países do mundo. Milhões de pessoas, da floresta amazônica às montanhas do Tibete, chutam uma bola todos os dias. Milhões desses milhões sonham um dia se tornarem jogadores profissionais. E de todas essas almas inumeráveis, seis das melhores surgiram de três continentes, e ao final desse processo de destilação acabaram – ouro puro – no Real Madrid” (Carlin, 2006a: 18).

A hierarquia da visibilidade no futebol é diretamente proporcional à arrecadação dos clubes, que por sua vez determina os salários concedidos aos jogadores. As verbas televisivas e oriundas de patrocínios estão, com efeito, diretamente relacionadas com o inflacionamento do salário dos atletas observado nas últimas décadas, especificamente na Europa “central”, com a entrada agressiva das televisões por assinatura e a escalada dos valores de parcerias de *marketing*. No contexto brasileiro, e talvez latino americano, as folhas salariais dos clubes aumentaram de valor, ao menos em parte, na tentativa (frustrada) de acompanhar o mercado europeu, visando manter postos de trabalho minimamente atraentes para os jogadores que “se destacam”. De forma paradoxal, na atualidade, os altos salários pagos aos futebolistas que permanecem no Brasil são mantidos com a arrecadação proveniente da exportação de outros jogadores.

Contudo, mesmo no interior do futebol europeu, nem todos os países oferecem as mesmas oportunidades financeiras e midiáticas, por isso não partilham de igual prestígio entre os jogadores. Neste cenário, uma “certa Europa” tem sido construída como a Meca do futebol mundial, concentrando os times mais ricos e célebres: Espanha, Itália, Inglaterra, Alemanha e França. No processo de concentração de jogadores oriundos de diversos países nos “maiores” clubes europeus, pode-se identificar uma outra consequência, que diz respeito à “purificação” do atleta como representante da nação – na medida em que permanecem em visibilidade, mas afastados das rivalidades clubísticas locais. Como aponta Alabarces a respeito da trajetória de Diego Maradona, sua condição de ídolo nacional era fragmentária enquanto ele jogava no país, pois o “Boca é o clube com a torcida mais numerosa...mas não a única da Argentina” (2002: 148, tradução livre). Ao ser transferido do Club Atlético Boca Juniors para a Europa, inicialmente para o Futbol Club Barcelona, depois para o Società Sportiva Calcio Napoli, Maradona esteve melhor posicionado para “encarnar” uma imagem unificada de nação.

Além disso, o movimento de jogadores ao redor do globo é unilateral: a rota Sul-Norte não tem contrapartida Norte-Sul. Por mais que a identidade do “país do futebol” seja reconhecida internacionalmente, nem por isso o Brasil se tornou um destino atraente para futebolistas provenientes dos países do Norte. Há, todavia, uma crescente migração Sul-Sul, de que são exemplos as transferências realizadas do Brasil para o México ou da Colômbia para o Brasil. Implicando redes de conexões e relações de poder diversificadas, tais movimentações, que envolvem transações financeiras de menor vulto e jogadores de com menos destaque, não têm a mesma visibilidade que a transferência de Robinho para o Real Madrid, por exemplo. No caso dos jogadores brasileiros, entretanto, tanto as transferências “obscuras” quanto as que se tornam manchetes estão intimamente relacionadas com a mitologia verde-amarela. Nas palavras de Tostão, ex-jogador e comentarista esportivo: “Por que vai tanto jogador brasileiro para a





Europa, Ásia, Japão, para o mundo todo? Porque no mundo todo se acha que jogador brasileiro é sempre bom” (Em entrevista realizada por Schwartz, 2008).

Neste sentido, parte do crescimento no número de transferências internacionais de atletas brasileiros está baseada em uma imagem estereotipada dos futebolistas nacionais. Uma situação descrita por Luiz Henrique de Toledo em *Lógicas no Futebol* é especialmente ilustrativa desta realidade. Em 1987, Carlos André Gonçalves Cunha, jogador nascido no Recife e conhecido como Caé, após anos de peregrinação entre diversos clubes da segunda divisão, encontrava-se uma vez mais desempregado, em busca de uma “chance”. Na tentativa de mobilizar sua rede de contatos, Caé foi assistir a um treino da seleção, em Teresópolis, e encontrou, acidentalmente, “um empresário alemão e seu intérprete catarinense, Lindolfo, à procura de um jogador brasileiro para ser negociado na Alemanha” (Toledo, 2002: 123). Nas palavras de Caé: “Ele precisava de um jogador que não fosse famoso, que fosse atacante e que fosse de cor negra, porque lá ele já tinha um jamaicano mas não era atacante (...) porque ele queria impressionar, porque ainda na Alemanha existia aquele negócio de se chegar com um jogador brasileiro negro vai impressionar” (Toledo, 2002: 123). Não fica claro porque o jogador não deveria ser famoso, possivelmente porque com a fama as exigências financeiras seriam maiores, mas o requisito da raça indica uma espécie de maniqueísmo algo semelhante à presença de anões em circos – ainda mais “porque lá ela já tinha um jamaicano”. Ao contrário dos projetos e programas de discriminação positiva, uma demanda desta natureza, visando atender a interesses na Alemanha (“vai impressionar”), revela, além da representação homogeneizada dos jogadores nacionais, uma imagem essencializante dos afro-brasileiros. “Escutando a conversa, Caé antecipou-se e ofereceu seu futebol ao empresário, afirmando que atendia a quase todas as exigências, e estava desvinculado de qualquer clube mas, como se via, não era negro” (Toledo, 2002: 123); ele permaneceu por dois meses na Alemanha, sendo dispensado ao final deste período.

Discutindo sobre as representações hegemônicas do país, Soares e Lovisolo argumentam que “o negro e a cultura identificada como afro aparecem como a imagem generalizadora do Brasil e dos brasileiros” (2004: s/p). Tanto interna como externamente, a brasilianidade só seria *autêntica* se relacionada às tradições culturais afro. A reivindicação da contribuição africana na formação do país é uma longa disputa por reconhecimento histórico que está longe de ser plenamente satisfeita. Apesar disso, e em especial na esfera futebolística, é precisamente a herança negra que serve para legitimar a especificidade nacional – desde a afirmação do samba e da capoeira como práticas corporais formadoras do estilo de jogo “canarinho” até a defesa da “força natural” dos negros como apropriada para o esporte. Segundo Bruno Otávio Abrahão, a “estética do estilo de jogo do futebol brasileiro é também lida, nos dias de hoje, como uma herança da cultura africana na constituição étnica brasileira, que pode ser notada pela representação da origem do nosso futebol” (Abrahão, 2005: 72). Capoeira, ginga, samba, improviso, arte, malandragem são adjetivos que, de acordo com Abrahão, permitem entrever a singularidade identitária do Brasil. Para Lovisolo e Soares: “Diante disto surge um tremendo paradoxo: como conseguimos instalar o racismo contra o negro e ao mesmo tempo tornar a cultura negra como central na construção da brasilidade?” (2004: s/p).

Há nesta intersecção entre brasilidade e negritude, simbolizada pelo futebol, uma pluralidade de contrastes relacionados com a polissemia de significados do termo cultura. É possível reconhecer, por um lado, um conceito amplo (“antropológico”) de cultura, baseado no contraste entre Outros, fundador de identidades, no qual o “futebol-arte” representa um reconhecimento legítimo e politicamente justo, na medida em que reivindica a importância da contribuição de atletas negros para a formação do que é glorificado como o vitorioso estilo de jogo brasileiro. Por outro lado, e frente à idéia de que os jogadores nacionais seriam “naturalmente dotados” – como se seus atributos positivos não derivassem do esforço ou do conhecimento adquirido, mas de uma certa “essência” – há um sentido de cultura como contraposta à natureza. Sob tal perspectiva, a reivindicação da negritude como fundadora da especificidade do estilo de jogo nacional remete a tradição afro para a esfera da natureza, em contraste com o “cultivo” ou desenvolvimento “racional” das metodologias de treinamento.



Em paralelo a esta concepção de cultura quase como sinônimo de civilização, pode-se identificar uma definição que faz referência à relação de exterioridade entre economia, política, ciência e cultura. Apesar destas esferas não serem estanques, tão pouco elas são idênticas – e são representadas hierarquicamente, com a cultura ocupando o pólo menos prestigiado na escala de poder. As características hegemônicas de brasilidade, estabelecidas por Lovisolo e Soares como sendo o futebol, o carnaval, o samba, a capoeira e, “mais tênue”, as religiões afro-brasileiras, todas indicam tal denotação de cultura que remete à arte, às humanidades e à religião. Face a desigualdade simbólica entre as esferas sociais, pode-se especular sobre o espaço “concedido” ao universo afro na brasilidade como um todo – e, em simultâneo, à brasilidade na dinâmica da visibilidade mundial. Em outras palavras, a representação hegemônica da brasilidade não comporta referências às dimensões econômicas, políticas ou científicas – tidas como encarnação da racionalidade por uma perspectiva eurocêntrica. Como releva a abordagem teórica pós-colonial, parte do poder do Ocidente foi legitimado exatamente por esta reivindicação da racionalidade contra a “irracionalidade” dos Outros.

Romantizado como “futebol-arte”, a pretensa superioridade brasileira antes contribui, do que contesta, a representação do Ocidente como identidade da racionalidade. Neste sentido, apesar da miscigenação ser glorificada enquanto conceito, trata-se de uma miscigenação estabelecida à priori, cerceada de potencialidades, enclausurada na representação de si mesma. Assim, a mitologia verde-amarela do futebol representa uma identidade que reforça o mito da democracia racial.

No bojo desse processo recíproco de constituição da brasilidade e do futebol contemporâneo, as políticas nacionalistas e de visibilidade são decisivas para a compreensão da dinâmica internacional das transferências de jogadores de futebol. Um movimento migratório que ativa projetos identitários subjacentes às tensões étnicas e raciais. Nesse sentido, a transação internacional de jogadores de futebol acompanha um movimento mais amplo de re-ordenamento dos fluxos de pessoas ao redor do globo, cuja configuração é consideravelmente diferente daquela tributada aos processos de colonização da América. Como esclarece Fausto Brito, a maioria das migrações tende a ser cada vez mais temporária e os migrantes, meros trabalhadores que circulam internacionalmente (Brito, 2003: 19). Motivada predominantemente por fatores econômicos, as migrações internacionais contemporâneas seguem em sentido “Sul-Norte”. Um número considerável de pessoas provenientes de países “menos desenvolvidos” atravessam fronteiras em busca de melhores condições de vida, nem sempre de maneira legalizada. Em alguns dos países de destino, nomeadamente os europeus, a imigração põe em marcha uma espécie de “retórica da invasão”, calcada num discurso excludente e intolerante.

A reivindicação das nacionalidades hierarquiza os estilos de jogar de acordo com o prestígio acumulado das seleções nacionais, no qual o passaporte brasileiro adquire valor. Trata-se, todavia, de um valor limitado pelas estruturas simbólicas, econômicas e políticas de poder, no qual o futebol pode ser tomado como uma representação paradigmática da “nacionalidade” brasileira. Afinal, a valorização da nacionalidade no futebol reforça relações de saberes e poderes que reproduzem dinâmicas de colonialidade (Norte-Sul) através do mercado internacional de jogadores.





### Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, Diosmar José Meira de (2005), *Mario Filho e O Negro no Futebol Brasileiro*. Monografia de Conclusão do Curso de História, Curitiba, Universidade Federal do Paraná, 2005.
- ALABARCES, Pablo (2002), *Fútbol y Patria: el fútbol y las narrativas en la nación en la Argentina*. Buenos Aires, Prometeu, 2002.
- ARAÚJO, S.G.(2002), Fútbol y migraciones. In: Migraciones internacionales. Tijuana, vol.1, nº3, p.55-78, julio/dicembre.
- BRITO, F. (2003), *Ensaio sobre as migrações internacionais no desenvolvimento do capitalismo*. Protocolo disponível em: [http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/rev\\_inf/r12/brito.doc](http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/rev_inf/r12/brito.doc), [Data de acesso: 23 de Abril de 2007].
- CARLIN, John (2008), "Most Bonito". In: New York Times, Nova Iorque, 4 jun 2006b. Protocolo disponível em: <http://www.nytimes.com/2006/06/04/sports/playmagazine/04brazil.html?pagewanted=2&r=1>, [Data de acesso: 9 de Maio de 2008].
- CARLIN, John (2006), *Anjos Brancos à beira do inferno: os bastidores do Real Madrid*. Rio de Janeiro, Relume Dumará.
- CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL. Transferências internacionais de jogadores 2006, 2005, 2004, 2002. Protocolo disponível em [cbfnews.com.br](http://cbfnews.com.br), [Data de acesso: 23 de Abril de 2007].
- FERREIRA, Heraldo Simões (2005). "Porque a Europa não produz Robinhos?" In: *Lecturas: Educación Física y Deportes*, Buenos Aires, v. 10, n. 89, oct.. Protocolo disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd89/robinhos.htm>, [Data de acesso: 7 de Maio de 2008].
- FRANZINI, Fábio (2003), *Corações na ponta da chuteira: capítulos iniciais da história do futebol brasileiro (1919-1938)*. Rio de Janeiro, DP&A.
- LOVISOLO, Hugo e SOARES, Antonio Jorge. "De dentro e de fora: futebol e imagem do Brasil". *Revista Eletrônica Polêmica*, Rio de Janeiro, v. 13, 2004. Protocolo disponível em: [http://www.polemica.uerj.br/pol13/cimagem/p13\\_8.htm](http://www.polemica.uerj.br/pol13/cimagem/p13_8.htm), [Data de acesso: 5 de Janeiro de 2008].
- LOVISOLO, Hugo e SOARES, Antônio Jorge (2003), "Futebol: a construção histórica do estilo nacional". *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 25, n. 1, p. 129-143, set.
- MOURA, Gisella de Araújo (1998), *O Rio corre para o Maracanã*. Rio de Janeiro, Editora Fundação Getúlio Vargas.
- RODRIGUES, Nelson (2007), *O berro impresso nas manchetes: crônicas completas da Manchete Esportiva* 55-59. Rio de Janeiro, Agir, pp.1-243.
- SCHWARTZ, Cristian (2008), "Entrevista com Tostão: ex-jogador e comentarista". In: *Gazeta do Povo*, Caderno de Esportes, Curitiba, sábado 10 de Maio, p.3-3.
- SOARES, Antonio Jorge (1999), "História e invenção das tradições" e "A modo de espera". *Estudos Históricos*. Vol.1 nº 23. Protocolo disponível em: [www.cpdoc.fgv.br/revista](http://www.cpdoc.fgv.br/revista), [Data de acesso: 23 de Abril 2007].

<sup>i</sup> Nelson Rodrigues (1912/1980), escritor e dramaturgo atuou durante décadas como cronista esportivo dos principais jornais cariocas.